

Curso de extensão “Como trabalhar contos na escola”

Maiquel Röhrig

O trabalho com a literatura em sala de aula estimula uma série de competências e desenvolve o gosto pela leitura. Disso todo mundo sabe. No entanto, é comum que os professores façam uso de textos literários nas séries iniciais do Ensino Fundamental e, depois, passem gradativamente a diminuir o trabalho com obras literárias, substituídas por artigos de opinião, editoriais e, quando muito, crônicas que guardam resquícios de literariedade.

Os livros didáticos, por sua vez, utilizam os textos literários com finalidades linguísticas. Ao invés de trabalhar aspectos literários, como narração, ambientação, personagens, enredo etc., enfocam aspectos sintáticos, ortográficos, de pontuação, bem como questões rasas de interpretação textual, vistas, na maior parte dos casos, em relação a partes de textos, dificilmente considerando a integralidade de um conto ou poema.

A própria literatura é trabalhada em sala de aula de forma paradoxal: ao invés de se analisar os textos literariamente, propondo discussões e relações entre obras, opta-se pela historicização, enumerando obras e autores dentro de períodos literários. O mais próximo que se chega da literatura é a análise descontextualizada de figuras de linguagem, em geral, pinçadas individualmente e descoladas da totalidade do texto.

Cada um desses procedimentos tem, contudo, o seu valor, e não foi objetivo do curso de extensão “Como trabalhar contos na escola” intimidar os professores e coibir que continuassem adotando-os. Ao contrário, o foco foi oferecer alternativas de trabalho com os textos literários propriamente ditos, uma vez que sua não utilização, ou seu uso para outros fins, deve ser contornado para que se consiga criar nos alunos o real gosto pela leitura, como fruição e fonte de cultura.

A subutilização dos textos literários em sala de aula ocorre por diversos motivos, en-



Curso tinha como público-alvo professores da Educação Básica

tre os quais podemos aventar a redução da importância cultural da literatura em nossa sociedade, a dificuldade do trabalho com os textos literários causada pela diversidade de interpretações que eles provocam, bem como, talvez principalmente, a insegurança dos professores diante desse tipo de material. Afinal, como trabalhar com um objeto cuja análise pode ser tão plural quanto o número de seus leitores? Quais são as interpretações válidas e inválidas e como discernir entre o que pode e o que não se pode dizer acerca do que foi lido? Quais devem ser os aspectos trabalhados em cada obra? Que tipo de relações estabelecer com a realidade? Quais textos escolher em razão da faixa etária e conhecimentos prévios dos alunos?

Para responder alguns desses questionamentos e diminuir a sensação de insegurança dos professores frente ao trabalho com a literatura, propus um curso de extensão no campus Bento Gonçalves do IFRS, voltado a professores da Educação Básica, independentemente do ano, para discutirmos obras e criarmos, juntos, planos de trabalho para serem aplicados nas turmas em que os professores participantes lecionavam.

A opção pelo gênero conto se deu por diversos motivos. Em primeiro lugar, trabalhar com narrativas ficcionais atinge um grande número dos estudantes, dado que se trata de um gênero mais facilmente compreendido do que, por exemplo, os textos líricos, que contêm sintaxe mais elaborada e exigem uma iniciação à literatura que, em muitos casos, os alunos não têm. Além disso, um conto pode ser lido em sala de aula, diferentemente do romance, cuja leitura deve ser feita ou complementada em casa e, como sabemos, nestes casos a maioria dos estudantes não lê as obras. Lido o conto em sala, ainda resta tempo, mesmo quando se trata de um único período de quarenta e cinco minutos, para conversar sobre o texto e iniciar atividades de interpretação, bem como organizar atividades posteriores.

A leitura em sala de aula garante que todos os estudantes tenham a experiência direta com as narrativas, e que possam discuti-las com os colegas e com o professor, expondo suas opiniões e interpretando o texto. A mediação do professor oferece a condição para os alunos aprofundarem sua compreensão do texto, tanto dos aspectos formais que a compõem quanto dos conteúdos nela representados.

A literatura é uma ferramenta importante para a compreensão do mundo, à medida que os textos operam com discursos que colocam diante do leitor diferentes perspecti-

vas acerca do real através de estratégias de representação.

As professoras relataram, no início do curso, que optavam pelo trabalho com artigos de opinião e crônicas. Penso que explorar esses gêneros é importante, sobretudo na disciplina de Língua Portuguesa. Mas nada substitui o contato com o texto literário, que, estranhamente, é deixado à parte inclusive na disciplina de Literatura.

Muitas crônicas possuem características literárias e exploram visões particulares de seus escritores. No entanto, trata-se grosso modo de um texto intencionalmente superficial para atender à demanda dos leitores de jornal, os quais não querem perder tempo com sofisticções na forma ou no conteúdo. A crônica tem que ser direta e conter uma linguagem simples, que possibilite uma compreensão instantânea.

Não é isso o que ocorre com a maioria dos textos literários, em seu sentido estrito. Eles, normalmente, exigem uma pausa reflexiva e disposição para enfrentar o refinamento da linguagem, através da qual buscam oferecer uma representação do real.

Nem todos os estudantes têm condições de ler e compreender os textos sozinhos, e os professores devem mediar processos que desenvolvam a autonomia dos alunos. Por isso, foram trabalhadas diferentes formas de abordar os contos, a saber: leituras realizadas pelo professor, em grupo e, também, como preparar os estudantes para leituras individuais. O trabalho do curso incidiu sobre estas estratégias de leitura e como desenvolver, a partir delas, discussões sobre as obras, as quais devem focar, principalmente, a análise do texto enquanto estrutura de sentidos.

A proposta do curso não delimitava períodos literários nem a nacionalidade dos autores. A fim de possibilitar a diversidade de textos e abrir as portas da escola para a literatura universal, o curso foi organizado com base em temáticas, eleitas entre aquelas que são as mais comuns na literatura: amor, morte, amizade, loucura, violência, relações familiares, escola. Para cada temática, escolhi previamente alguns autores e obras, deixando espaço para que os participantes trouxessem sugestões, pois, embora o título do curso seja imperativo, o intuito era estabelecer um intercâmbio de ideias e um espaço para discussão.

Os objetivos do curso, além de trabalhar com os contos dos principais autores brasileiros e da literatura universal, incluíam ainda conhecer as características do gênero textual conto; entender o contexto histórico de

cada conto abordado; ler os principais contos dos maiores autores da literatura brasileira e universal, considerando as principais temáticas da literatura; organizar planos de aula com base em cada conto para trabalhá-los com os alunos da rede básica de ensino.

A justificativa que embasou a proposta respalda-se no Plano de Desenvolvimento Institucional do IFRS, segundo o qual

A ação extensionista é compreendida, no contexto do IFRS, como a prática acadêmica que interliga o próprio Instituto, nas suas atividades de ensino e pesquisa, com as demandas da comunidade, possibilitando a formação de profissionais aptos a exercerem a sua cidadania, a contribuírem e a humanizarem o mundo do trabalho. É por meio da extensão que o Instituto contribui de forma efetiva para o desenvolvimento socioeconômico e cultural da região, articulando teoria e prática e produzindo novos saberes (p. 125)¹.

A capacitação de professores relaciona-se aos objetivos do IFRS e é um elemento importante para aproximar a instituição de demais esferas públicas da educação, bem como estreitar as relações com a comunidade. Além disso, trabalhar com contos de modo eficiente, com o uso de um repertório diversificado e dos conhecimentos teóricos adequados, estimula o interesse pela leitura e aproxima alunos e professor.

Estabeleci, como resultados esperados com as atividades, que os participantes saíssem motivados para trabalhar com os contos junto com seus alunos, e que fossem capazes de fazê-lo de modo eficaz, estimulando o interesse pela leitura e pelo aprendizado de modo geral. Também esperava que se convencessem de que a prática da leitura de obras literárias desenvolve as habilidades comunicativas fundamentais para o sucesso no mundo contemporâneo, bem como sensibiliza os estudantes para diversas formas de enxergar a realidade que nos cerca através da representação de personagens cujas experiências são conosco compartilhadas através do discurso literário.

Esses resultados foram, em grande medida, alcançados. As professoras participantes e a diretora de escola que acompanhou as atividades, relataram ter levado os contos para suas escolas e compartilhado os planos de trabalho com suas colegas, as quais foram formalmente convidadas a participar da próxima edição do curso, a realizar-se no

ano de 2016, com novos contos e autores, a fim de, ao mesmo tempo, abarcar mais participantes e englobar as mesmas professoras que, tendo apreciado os trabalhos, solicitaram novas edições.

As aulas foram expositivas e dialogadas. Houve seminários de leitura e apresentação de fichas de leitura. Os contos eram enviados para o e-mail das participantes a fim de que os trouxessem na aula, momento em que eram lidos e discutidos. Não foi solicitado que as professoras fizessem leitura prévia das obras, uma vez que não se queria correr o risco de que alguém não o fizesse por algum motivo e, por isso, não pudesse participar das análises e propostas de trabalho. Após a leitura, eram feitos planos de aula em conjunto para serem trabalhados com alunos da Educação Básica.

Ao longo dos dez encontros, foram abordados os seguintes conteúdos:

■ AULA 1 (17/09): Teoria do conto e autores brasileiros do século XXI.

■ AULA 2 (24/09): Contos de amor: Irmãos Grimm (Rapunzel); Gabriel García Márquez (Primeiro capítulo de “Memória de minhas putas tristes”).

■ AULA 3 (01/10): Contos de amor: Clarice Lispector (Amor), Lygia Fagundes Telles (O moço do Saxofone).

■ AULA 4 (8/10): Contos de amizade: Caio Fernando Abreu (Aqueles dois), Fernando Sabino (O melhor amigo).

■ AULA 5 (15/10): Contos de mistério: Haroldo de Campos (Os olhos que comiam carne), Edgar Allan Poe (O coração delator).

■ AULA 6 (22/10): Contos de morte: Graciliano Ramos (capítulo Baleia, de “Vidas secas”), José Rezende Júnior (Maria de Lurdes não queria ser estuprada), Hans Christien Anderson (O soldadinho de chumbo).

■ AULA 7 (29/10): Contos de pais e filhos: Guilherme Giugliani (A pescaria), Irmão Grimm (João e Maria), Machado de Assis (O caso da vara), Luiz Vilela (Quando eu tinha sete anos).

■ AULA 8 (5/11): Contos de loucura: Machado de Assis (A causa secreta), Guimarães Rosa (Sorôco, sua mãe, sua filha), Luís Fernando Veríssimo (Histórias do analista de Bagé).

■ AULA 9 (12/11): Contos de violência: Rubem Fonseca (Passeio noturno), Machado de Assis (A cartomante), Hans Christien Anderson (A pequena vendedora de fósforos).

■ AULA 10 (19/11): Contos de escola: Machado de Assis (Conto de escola), Luís Fernando Veríssimo (Pechada).

De acordo com avaliação ao final dos dez

encontros, o curso mudou a percepção que tinham da literatura e do trabalho com contos em sala de aula. As professoras disseram que seu repertório literário cresceu e que vislumbraram caminhos e autores que serão

explorados por elas daqui para frente, tanto em suas aulas como no aprimoramento de suas experiências com a literatura. Nesse sentido, creio que o curso atingiu seus principais propósitos.

Maiquel Röhrig é doutor em Letras pela Universidade Federal do RS, e-mail maiquel.rohrig@bento.ifrs.edu.br, docente do campus Bento Gonçalves do IFRS.

NOTA

1 O PDI do IFRS encontra-se disponível no sítio eletrônico sob o endereço http://ifrs.edu.br/site/midias/arquivos/2015026152531277resolucao_117_14_pdi_-_assinada.pdf

RELATOS DE EXPERIÊNCIA